



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*ONDE RESIDEM OS RISCOS PROFISSIONAIS? UM
ESTUDO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O SEU
IMPACTO PERCEBIDO PELOS TRABALHADORES NO
SETOR DA CORTIÇA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Rita Pereira Viana

Porto, julho 2015



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*ONDE RESIDEM OS RISCOS PROFISSIONAIS? UM
ESTUDO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O SEU
IMPACTO PERCEBIDO PELOS TRABALHADORES NO
SETOR DA CORTIÇA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos

Rita Pereira Viana

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Liliana Cunha

Professora Doutora Joana Fernandes

Porto, julho 2015

A todos os que me acompanharam: obrigada por nunca terem desistido de Mim.

Resumo

As alterações no trabalho, e particularmente nas opções de organização do mesmo, estão associadas à emergência de novos riscos profissionais e novas configurações daqueles já existentes. Deste modo, consagrar atenção à análise da atividade e aos seus fatores de risco torna-se imprescindível. O objetivo geral deste estudo consistiu em analisar as condições de trabalho e os fatores de risco percebidos pelos trabalhadores do setor da cortiça, bem como a percepção do impacto destes riscos na sua saúde. Em termos metodológicos, foi privilegiado o uso do Inquérito Saúde e Trabalho – INSAT (Barros-Duarte, Cunha, Lacomblez, 2013), complementando os resultados obtidos com observações da atividade real. Para a análise de resultados foi adotada uma metodologia quantitativa, numa perspetiva compreensiva, sustentada na especificidade das situações de trabalho analisadas. Os principais resultados obtidos corroboram, de forma geral, os riscos frequentemente associados à atividade em contexto industrial, nomeadamente a exposição a ruído nocivo e a adoção de posturas penosas (Eurofound, 2012). Ainda assim, a percepção dos trabalhadores de que o trabalho não afeta negativamente a saúde é comum, mesmo quando declaram sofrer de vários problemas de saúde associados ao trabalho, como é o caso das lesões músculo-esqueléticas. Assim, continuar a dar visibilidade a esta problemática torna-se fulcral.

Palavras chave: condições de trabalho; setor da cortiça; riscos profissionais; percepção dos trabalhadores; saúde no trabalho.

Abstract

Professional changes, particularly in work organization, are associated to emerging new professional risks, as well as new configurations of existing risks. It is thus imperative to analyze the activity and its risk factors. The general goal of this study is to assess the working conditions and risk factors perceived by workers in the cork sector, as well as the perception of these risks in their health. With regards to the methodology, the use of *Inquérito Saúde e Trabalho – INSAT* (Health and Work Enquiry) (Barros-Duarte, Cunha, Lacomblez, 2013) has been privileged. This data is complemented by outcomes from actual observation of the work itself. For the outcome analysis, a quantitative approach was adopted, with a comprehensive perspective that bears in mind specific work contexts. The main outcomes generally confirm the risks frequently associated to the activity in an industrial context, namely exposure to unhealthy noise levels or to the adoption of awkward posture (Eurofund, 2012). Still, there is a shared perception from workers that the activity doesn't negatively affect their health. This opinion is defended even by those who admit to suffering from several health conditions related to their work, such as musculoskeletal disorders. It is thus vital to continue giving visibility to these matters.

Keywords: working conditions; cork sector; occupational risks; workers perceptions; health at work.

Índice

1. Introdução	3
2. Enquadramento teórico	4
2.1. <i>As relações entre trabalho e saúde</i>	4
2.2. <i>Riscos profissionais</i>	5
2.3. <i>A prevenção como estratégia de gestão dos riscos profissionais</i>	7
3. Método	8
3.1. <i>Objetivos</i>	8
3.1.1. <i>Objetivo geral</i>	8
3.1.2. <i>Objetivos específicos</i>	8
3.2. <i>Amostra</i>	8
3.3. <i>Instrumentos</i>	9
3.4. <i>Procedimentos de recolha de dados</i>	10
3.5. <i>Procedimentos de tratamento de dados</i>	11
4. Apresentação e discussão de resultados	11
4.1 <i>Caraterização das atividades profissionais em contexto real</i>	11
4.2. <i>As condições de trabalho e os fatores de risco percebidos</i>	16
4.3. <i>Os efeitos das condições de trabalho na saúde</i>	22
5. Conclusão	25
Referências Bibliográficas	28
ANEXOS	32

Lista de Tabelas

TABELA 1 – Distribuição dos participantes em função da situação laboral

TABELA 2 – Distribuição dos participantes em função do horário de trabalho

TABELA 3 – Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a fatores ambientais de risco

TABELA 4 – Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a constrangimentos físicos

TABELA 5 – Relação entre o género e “permanecer muito tempo em pé com deslocamento”

TABELA 6 – Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente à necessidade de fazer gestos repetitivos, em função da área de atividade

TABELA 7 – Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a constrangimentos do ritmo de trabalho

TABELA 8 – Frequência de declarações dos trabalhadores no que se refere às relações de trabalho

TABELA 9 – Declarações dos trabalhadores relativamente às características do trabalho

TABELA 10 – Frequência de declarações dos trabalhadores no que se refere aos efeitos do trabalho na saúde

TABELA 11 – Frequência de declarações dos trabalhadores em função dos problemas de saúde relacionados com o trabalho

TABELA 12 – Frequência de declarações dos trabalhadores em função dos itens do Perfil de Saúde de Nottingham e sua relação com o trabalho

TABELA 13 – Grau de associação entre os fatores de risco físicos e os problemas de saúde

TABELA 14 – Grau de associação entre os fatores de risco psicossociais e os problemas de saúde

Lista de Anexos

ANEXO 1 – Modelo de Consentimento Informado

ANEXO 2 – Espaciograma da área de Juntas/Cilindros: distribuição das atividades de trabalho em função do gênero

ANEXO 3 – Espaciograma da área de Juntas/Cilindros: distribuição das máquinas industriais

ANEXO 4 – Imagens ilustrativas de situações de trabalho observadas

1. Introdução

Ao longo dos anos, o trabalho e as formas privilegiadas na sua organização foram sofrendo alterações devido a mudanças sociais, tecnológicas e científicas.

Atualmente, perante uma sociedade moderna, complexa e instável, o modelo de regulação do trabalho pauta-se por uma forte flexibilidade, cujas formas de organização assentam primordialmente na capacidade de dar resposta aos imprevistos e à competitividade das organizações (Lacomblez, 2008; Barros-Duarte, et al., 2013).

A evolução da sociedade e destas formas de trabalho, avançaram também no sentido da emergência de novos riscos profissionais. Assim, começaram a surgir as primeiras políticas por parte da Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho, bem como estratégias que a União Europeia (UE) decidiu assumir no sentido de identificar e atuar sobre estes novos riscos.

No entanto, estas não se resolvem por si só, e é necessário que as próprias empresas vão mais além das diretrizes que são obrigadas a cumprir no quadro da Segurança e Saúde no Trabalho (SST), sob pena destes riscos persistirem, tendo em conta as especificidades que assumem.

Neste sentido, o presente estudo insere-se num projeto piloto desenvolvido no contexto de uma empresa do setor da cortiça, no sentido de avaliar/diagnosticar possíveis riscos inerentes à atividade de trabalhadores neste setor.

Num primeiro momento é abordado o Estado da Arte sobre o tema, sendo em seguida retratadas as opções metodológicas assumidas. Naquela que é a terceira parte deste trabalho, faz-se a apresentação dos resultados e respetiva discussão, terminando com as conclusões que incorporam as reflexões finais.

É de salientar que este trabalho se ancora em necessidades manifestadas pelos próprios trabalhadores da área de Juntas/Cilindros, numa plataforma destinada a esse fim, o que confere também um carácter singular a este projeto, sabendo que se enquadra num pedido concreto ao qual se pretendeu dar resposta.

2. Enquadramento teórico

2.1. As relações entre trabalho e saúde

O trabalho assume, nos dias de hoje, um lugar de destaque no discurso coletivo (Eurofound, 2012) dada não só a premente insegurança associada ao emprego, em consequência da crise económica que atravessamos, mas também do tempo que neste é despendido para atingir objetivos cada vez mais exigentes, com tempos de execução cada vez mais curtos. A atividade de trabalho e todas as ações que esta acarreta, “caracterizam o comportamento humano no trabalho” (Barros-Duarte & Cunha, 2010, p.22) e têm, inevitavelmente, impacto sobre a saúde.

Afeto às mudanças económicas e sociais do país, surgiram, nos últimos anos, novas formas de organização do trabalho que tornaram ainda mais relevante estudar a relação entre o trabalho, e as condições em que é executado, com a saúde (Barros-Duarte, 2006) – sendo, este último, um fator determinante no bem-estar do indivíduo e uma condição para a construção da experiência de trabalho (Sznelwar, 2006).

Assim, quando falamos de saúde no trabalho, assumimos um ponto de vista para além da mera ausência de doença, sabendo que se trata de um construto multidimensional e dinâmico que engloba o estado físico, psicológico e social e mantém uma relação de reciprocidade com o trabalho (Barros-Duarte, Cunha, Ramos & Lacomblez, 2001/2002).

Por sua vez, o trabalho é também visto como via de desenvolvimento da própria saúde (Dejours, 1998), como um meio para alcançar o “equilíbrio possível, satisfatório e aceitável” (Barros-Duarte, et al., 2001/2002, p. 314), desde que as condições em que ele é exercido o permitam. No entanto, as relações que se estabelecem entre o trabalho e o estado de saúde dos indivíduos, “não são unívocas nem instantâneas” (Gollac & Volkoff, 2000, cit. in Barros-Duarte, 2006, p. 82) tendo repercussões distintas e singulares, num período de tempo mais ou menos lato.

A par disto, estas sucessivas alterações têm também conduzido a mudanças nas políticas de SST pelas instâncias por elas responsáveis, como a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e ainda a Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT), no sentido de, cada vez mais, contemplarem as várias dimensões da organização do trabalho e da saúde (Eurofound, 2012).

2.2. Riscos profissionais

“As condições de trabalho são vividas, por cada um, de forma diferente e os seus efeitos dependem não só do percurso profissional e do contexto de trabalho, mas também da percepção que cada um pode ter em função das suas especificidades físicas, psicológicas e sociais.”

(Barros-Duarte & Lacomblez, 2006, p.83)

Os riscos profissionais definem-se na atividade profissional como “perigos potenciais mais ou menos previsíveis” (Thébaud-Mony, 2010, p. 72), que importa diagnosticar e cujo objetivo, mais do que intervir no seu resultado – entenda-se, acidentes de trabalho ou doenças profissionais – será preveni-los. Contudo, para poder preveni-los é necessário (re)conhecê-los, sendo indispensável aceder ao ponto de vista dos próprios trabalhadores sobre os riscos que identificam e como gerem o exercício da sua atividade, considerando a sua presença (Barros-Duarte & Lacomblez, 2006).

Neste sentido, a percepção e os significados atribuídos pelos trabalhadores à sua atividade são determinantes pois espelham o que normalmente acontece dentro e fora do mesmo (Curie & Davezies, 2002, cit. in Barros-Duarte, 2006). Ora, se, cada trabalhador vivencia a sua experiência de forma distinta e singular, como aliás é enfatizado na citação que principia a nossa reflexão neste ponto, todos têm uma perspetiva sobre os riscos a que estão expostos e as dificuldades decorrentes da execução das suas tarefas.

De acordo com Poy (2007) os efeitos do trabalho são, mais ou menos, conhecidos pelos trabalhadores. Até porque as relações estabelecidas entre o trabalho e a saúde nem sempre são evidentes, podendo, desta forma, não apresentar um diagnóstico de doença mas apenas queixas de saúde, e.g. ansiedade, perda de audição – chamadas de *infrapatologias* – que têm impacto negativo no bem-estar do trabalhador e que, por si só, não devem ser descurados de atenção e prevenção (Pavageau, 2006; Barros-Duarte, Cunha & Lacomblez, 2007; Barros-Duarte & Cunha, 2010).

A transformação das formas de organização do trabalho e dos regimes laborais – novas formas contratuais que levam à crescente precariedade – a par da liberalização e da flexibilização dos mercados conduziram a um clima de incerteza e instabilidade no emprego que, consequentemente, contribuiu para o aumento dos riscos aos quais os trabalhadores estão expostos (Poy, 2007; OIT, 2010). São as características do trabalho e as condições em que este é executado que transformam as vivências dos indivíduos no contexto laboral, tanto de forma positiva como negativa. Neste sentido, é necessário recorrer a uma abordagem compreensiva do que é experienciado pelos trabalhadores e das condições em que exercem a sua atividade

(Barros-Duarte, 2006), ou seja, olhar ao contexto e aos comportamentos adotados pelos trabalhadores (Tavares & Nunes, 2007).

Falar sobre riscos profissionais não é novo; há décadas que autoridades responsáveis por questões relativas à SST têm produzido estudos neste sentido, nomeadamente o V Inquérito Europeu sobre Condições de Trabalho, publicado em 2010, que reflete, face ao ano de 2005, uma diminuição da frequência dos riscos inerentes às características do trabalho, como a exposição ao ruído, a adoção de posturas penosas, a exposição a produtos químicos, entre outros, no entanto, isto não significa que a exposição a riscos no local de trabalho seja hoje residual. Pelo contrário, novos riscos foram surgindo, ao mesmo tempo que novas práticas contribuíram para a sua subnotificação. Por um lado, podemos fazer referência a formas de compensação adotadas pelas empresas com o intuito de evitarem a ocorrência de acidentes de trabalho. Ainda assim, no setor da indústria transformadora, onde este estudo se enquadra, os resultados são alarmantes quando se constata que é um dos que apresenta os maiores índices de acidentes de trabalho (Eurofound, 2012). A ACT confirma os dados, revelando que, no ano transato, 32% dos acidentes ocorreram neste setor. Por outro lado, podemos realçar o medo dos trabalhadores em serem demitidos, que contribui de certo modo para que silenciem a exposição a determinados riscos. Desta feita, os efeitos do trabalho continuam presentes com implicações negativas na saúde dos trabalhadores e, neste sentido, justifica-se que continuem a ser alvo de investigação (Thébaud-Mony, 2010).

Por sua vez, a OIT (2010) embora verifique, nos últimos anos, também uma diminuição das lesões e mortes laborais, enfatiza agora a importância de olhar às doenças de longa duração, como os cancros profissionais, as lesões músculo-esqueléticas, as doenças cardiovasculares e o stress.

Neste sentido torna-se premente olhar às lesões músculo-esqueléticas (LME) que constituem atualmente uma das principais causas de doença reportada ao trabalho (Eurofound, 2012). São lesões que se refletem como uma dor crónica em diferentes partes do corpo, e surgem da exposição, no trabalho, a tarefas repetitivas, esforço físicos intensos relacionados com força ou movimentos do corpo muito exigentes (Direção-Geral da Saúde, 2008). No entanto, é referido por Barros-Duarte e Lacomblez (2008), e sustentado pela OIT (2010), que estas situações são sempre “susceptíveis de se concretizarem em problemas físicos ou psicológicos profundos” (Barros-Duarte & Lacomblez, 2006, p. 85), que deixam marcas na história de vida profissional e pessoal dos trabalhadores, sendo fundamental uma vigilância continuada das condições de trabalho, numa perspetiva também de sustentabilidade.

Assim se justifica a pertinência deste estudo, ancorado numa abordagem centrada na realidade concreta de uma empresa, do setor da indústria transformadora de cortiça, sabendo também que se fundamenta na procura de uma resposta a um pedido específico dos trabalhadores sobre os riscos profissionais inerentes à sua atividade.

2.3. A prevenção como estratégia de gestão dos riscos profissionais

“A identificação de riscos (...) não é, per se, necessariamente negativo, reforçando a ideia de que, finalmente, não se trata unicamente de eliminá-los, mas sim, de criar dispositivos na organização que permitam a sua formalização e possibilitem a sua gestão.” (Poy, 2007)

Como vimos, são as condições de trabalho e de emprego que potenciam a exposição aos riscos profissionais. Como afirma Lacomblez (2008, p.2), “certas condições de emprego têm inequivocamente efeitos sobre as condições de trabalho e a ‘distribuição’ de riscos profissionais”. Também Vasconcelos (2008, cit in Carvalho, 2011), refere que objetivos de trabalho exigentes, com ritmos de trabalho intensos, bem como a perceção de se ultrapassar os seus próprios limites contribui para que os indivíduos vejam o seu estado de saúde enfraquecido.

Segundo Areosa (2012), a gestão dos riscos profissionais deve compreender o conhecimento dos peritos (investigadores, psicólogos do trabalho, atores de segurança e saúde no trabalho) e o conhecimento dos trabalhadores, procurando articulá-los no sentido de dar significado às suas vivências (Sousa, et al., 2005; Barros-Duarte & Lacomblez, 2006; OIT, 2010). Esta procura de significado refere-se, por sua vez, ao diálogo que deve ser estabelecido entre peritos e trabalhadores, no sentido de torná-los também conscientes dos efeitos do trabalho na sua saúde (Barros-Duarte & Lacomblez, 2006).

São inúmeros os autores que fazem referência a modelos de prevenção com foco na análise da atividade de trabalho em contexto real (Barros-Duarte, 2006; Valverde, 2007; Areosa, 2012; Sousa-Uva & Serranheira, 2013). É através desta análise, ancorada no terreno, que se pode compreender as especificidades dos riscos e em que situações eles estão presentes (Poy, 2007).

Por sua vez, Sousa-Uva e Serranheira (2013) sustentam que o sistema de prevenção deveria compreender, para além das várias dimensões que caracterizam a atividade de trabalho, todos os atores que intervêm no sistema, como o médico do trabalho, o psicólogo do trabalho, o técnico de segurança e higiene, entre outros, numa abordagem de complementaridade e multidisciplinariedade, procurando não circunscrever a análise a uma identificação da exposição a fatores de risco (Sznalwar, 2006).

Em contrapartida, é pertinente a promoção de condições que permitam compreender que a exposição aos riscos é, muitas vezes, mitigada pela experiência dos trabalhadores e das

estratégias que desenvolvem para preservar o seu estado de saúde, física e mental (Barros-Duarte, et al., 2001/2002). A prevenção de riscos não pode ser gerida sem consideração deste tipo de situações, uma vez que se tornam visíveis somente através de uma abordagem de terreno.

3. Método

3.1. Objetivos

3.1.1. Objetivo geral

Uma vez apresentado o quadro de referência teórico que sustenta o trabalho de investigação, podemos identificar o objetivo geral deste estudo como consistindo numa análise das condições de trabalho e dos fatores de risco a que estão expostos trabalhadores do setor da cortiça, bem como da perceção que têm face ao seu impacto ao nível da saúde.

3.1.2. Objetivos específicos

Mais precisamente, os objetivos específicos definidos foram os seguintes:

- Analisar as atividades de trabalho desenvolvidas pelos trabalhadores do setor da cortiça, em contexto real;
- Caracterizar as condições de trabalho a que estão expostos e identificar os fatores de risco percebidos pelos trabalhadores;
- Identificar os efeitos percebidos das condições de trabalho na saúde.

3.2. Amostra

O questionário foi aplicado a 43 trabalhadores, correspondentes ao número de trabalhadores e chefias da área da fábrica, no entanto, um dos trabalhadores recusou-se previamente a participar no estudo e uma das chefias solicitou o questionário e não o devolveu preenchido. Desta forma, a amostra do presente estudo contempla a participação de 41 trabalhadores que exercem atividade na mesma área de trabalho – designada área de Juntas/Cilindros. No âmbito de uma reunião com os responsáveis do departamento de recursos humanos, com o médico do trabalho e com o técnico de segurança no trabalho, numa fase inicial deste trabalho de investigação, foi reforçada a importância de analisar esta área, dadas as queixas/reclamações sentidas por estes trabalhadores e o número de acidentes de trabalho que tinham até então sido registados.

No que respeita à caracterização sociodemográfica dos participantes, nomeadamente no que diz respeito à idade, estes estão compreendidos entre os 20 e os 59 anos, sendo a média de

idades de 42,4 anos. Relativamente à antiguidade, 65,8% da amostra exerce atividade na empresa há mais de 16 anos – situação que pode justificar a faixa etária elevada com que nos deparamos (>40 anos).

Do ponto de vista do género, apesar de dois participantes optarem por não o identificar, o número de homens continua a ser predominante nesta amostra, representando 68,3% dos participantes sendo que apenas 26,8% são mulheres.

3.3. Instrumentos

Na sequência da revisão da literatura efetuada, é importante começar por referir que a complexidade de alguns dos instrumentos utilizados no diagnóstico de riscos profissionais, acaba por dificultar a sua utilização por parte das empresas (Neto, Areosa & Arezes, 2014). Da mesma forma, uma abordagem centrada no indivíduo e de carácter normativo acaba por limitar a investigação sobre as relações entre o trabalho e a saúde (Barros-Duarte, et al., 2007). De acordo com a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho, a escolha do método de recolha de dados deve depender do setor da atividade profissional, das condições do local de trabalho (como o número de trabalhadores e as características particulares do local) e da existência de fatores de risco específicos.

Com isto, foi considerada que a melhor opção seria a aplicação do Inquérito Saúde e Trabalho - INSAT (Barros-Duarte, Cunha, Lacomblez, 2013) uma vez que é um inquérito epidemiológico que procura “estudar as consequências do trabalho e das condições de trabalho, atuais e passadas, ao nível da saúde e do bem estar” (Barros-Duarte, et al., 2007, p. 57). A par disso, é também um inquérito cuja aplicação já contemplou diversos setores de atividade, nomeadamente o setor da indústria (Barros-Duarte & Cunha, 2010). O INSAT é constituído por quatro pontos de ancoragem, pautados pela caracterização e compreensão do contexto de trabalho, pelo espaço atribuído à dimensão subjetiva dos efeitos do trabalho na saúde, pela assunção de uma perspetiva centrada na pessoa e ainda pelo desenvolvimento de uma “estatística aberta” (Barros-Duarte & Cunha, 2010), fatores estes que foram referidos como primordiais no estudo dos riscos profissionais.

Assim, as questões contempladas no INSAT seguem uma estrutura intencional, no sentido de criar condições para uma “tomada de consciência, gradual e progressiva, dos efeitos do trabalho na saúde dos trabalhadores” (Barros-Duarte, et al., 2007, p. 58).

Ainda antes da aplicação do inquérito, e como é recomendado pelas suas autoras, foram conduzidas análises da atividade em contexto real, com recurso a observações. Estas observações foram suportadas numa lista de aspetos a considerar, nomeadamente, a sequência da cadeia

produtiva, o tipo de equipamentos utilizados, as relações estabelecidas entre os trabalhadores, entre outros (Parente, 2003; Boix & Vogel, 2009/2010), e suportadas ainda com a recolha de fotografias, que traduzissem situações concretas observadas, e mais dificilmente explicadas por escrito.

3.4. Procedimentos de recolha de dados

Relativamente aos procedimentos de recolha de dados foi previamente solicitado às autoras do INSAT que concedessem autorização para uso deste instrumento no âmbito deste estudo. Simultaneamente, foi também discutido com os responsáveis, por intermédio de uma colaboradora da área de recursos humanos, a possibilidade de ceder 30 minutos por grupo de trabalhadores (entre cinco a oito), de forma a permitir aos trabalhadores responder ao inquérito durante o tempo de trabalho.

Com as respetivas aprovações, foi então concebido o documento de consentimento informado para os participantes do estudo, no sentido de os informar sobre o conteúdo do mesmo, a metodologia seguida, bem como a preservação do princípio de anonimato e de confidencialidade das informações prestadas (Anexo 1).

Foi por este mesmo documento que se deu início ao processo de recolha de dados. Após a assinatura do consentimento, foi distribuído o INSAT a cada participante e realizada, em conjunto, uma breve apresentação do mesmo explicitando os objetivos e que tipo de questões englobava. Foram, logo à partida, esclarecidas as dúvidas iniciais dos trabalhadores e, depois disso, concretizada a aplicação do questionário. De realçar o facto de ter sido dedicado um momento exclusivo para esta aplicação, tendo em conta que os responsáveis autorizaram a interrupção da produção no sentido de garantir a participação de todos os trabalhadores. Este momento teve lugar numa sala disponibilizada pela empresa, nas suas instalações, num primeiro momento com um conjunto de oito trabalhadores, sendo que os restantes grupos ultrapassavam os dez colaboradores. Esta situação justificou-se pela necessidade de avançar com a aplicação dos inquéritos de forma mais rápida para assim não exceder o tempo permitido de paragem de produção. No entanto, o número significativo de colaboradores por grupo, limitou o apoio e atenção facultado a cada um dos trabalhadores, particularmente, num desses momentos, em que foi necessário prestar apoio direto a um trabalhador dada a dificuldade de interpretação das perguntas.

No que diz respeito às observações, foram realizadas duas visitas à empresa, uma em meados de novembro, antes da aplicação do INSAT, e outra já em maio do ano seguinte.

3.5. Procedimentos de tratamento de dados

Os dados recolhidos através do inquérito INSAT foram analisados com recurso ao *software* de análise quantitativa, IBM SPSS 20 (Statistical Package for the Social Sciences). Para o efeito, foram realizadas estatísticas descritivas com o objetivo de sintetizar os dados obtidos. A par destas, foram realizadas estatísticas inferenciais para avaliar a associação entre diversas variáveis através do Teste do *Qui Quadrado*, no entanto, na maior parte das variáveis, a percentagem das células da tabela de contingência era inferior a 20% (frequência esperada inferior a 5) pelo o que o teste não apresentou resultados de confiança. Ainda assim, nestas situações, foi possível ajustar os valores, atentando aos resultados na linha *Fisher's Exact Test* (Martins, 2011).

Desta forma, desenvolvemos análises essencialmente quantitativas, ainda que orientadas mais para a compreensão do que para a explicação dos fenómenos (Volkoff, 2010, cit. in Barros-Duarte & Cunha, 2010) procurando sempre conferir-lhes um significado sustentado no conhecimento das atividades de trabalho em contexto real, e no que as observações permitiram obter. Falamos neste caso do princípio de uma “estatística aberta”, que assumimos na análise e interpretação dos resultados (Volkoff, 2010, cit in Cunha, 2012).

4. Apresentação e discussão de resultados

Este ponto procura dar resposta aos objetivos específicos do estudo, encontrando-se subdividido em três pontos distintos: caracterização das atividades profissionais em contexto real; as condições de trabalho e fatores de risco percebidos; e os efeitos das condições de trabalho na saúde.

4.1 Caracterização das atividades profissionais em contexto real

O primeiro objetivo do estudo reporta-se à identificação e caracterização das atividades profissionais da área de Juntas/Cilindros, em contexto real. Na área de Juntas/Cilindros, os trabalhadores têm como objeto de trabalho materiais de cortiça e de borracha que se podem concretizar em juntas de automóveis ou de isolamento, bases de copos, tapetes de revestimento, entre outros. Esta área é a última na cadeia produtiva da fábrica tendo dois clientes, o interno correspondente a uma outra área, de onde provém o material, diametralmente oposta ao local do estudo, e, o cliente externo, ou cliente final, que solicita as encomendas.

Desta forma, considera-se pertinente caracterizar o trabalho em termos da situação laboral e horário de trabalho. De forma complementar, serão integrados alguns exemplos das observações realizadas no contexto.

Tabela 1

Distribuição dos participantes em função da situação laboral

Situação laboral	Número de participantes (%)
Contrato sem termo/efetivo	33 (80,5)
Contrato a termo/a prazo	2 (4,9)
Trabalho temporário	6 (14,6)

Ao nível contratual, conforme é possível verificar na Tabela 1, a maioria dos trabalhadores possui um contrato sem termo (80,5%) na empresa. Ainda assim, seis (14,6%) dos participantes referem ter um contrato de trabalho temporário – situação que se alterou entre novembro e maio, uma vez que, aquando da segunda visita, foi transmitido pelo departamento de recursos humanos que todos os trabalhadores temporários teriam sido integrados como efetivos. Efetivamente, não é incomum nos dias de hoje, estarmos perante formas de emprego que se traduzem na precariedade das relações laborais, como é o caso dos trabalhadores temporários validados nesta amostra (Rebelo, 2006; OIT, 2010). Na empresa onde o estudo foi realizado, o recurso a trabalhadores temporários era prática recorrente, sendo sempre os mesmos até ao limite de tempo permitido por lei. Assim, é possível identificar as nuances que o recurso ao trabalho temporário, algumas vezes ou em algumas empresas, traduz: após integração do trabalhador numa empresa utilizadora do trabalho temporário, o mesmo adquire novas competências e conhecimentos relevantes para aquela atividade em específico, nomeadamente naquela organização, pelo que, investir na formação e aumentar o seu reconhecimento poderá acrescentar vantagem competitiva à empresa e, desta forma, tornar-se um recurso valioso que importa manter (Rebelo, 2006) – caso os recursos financeiros assim o permitam, como se verificou neste caso.

Tabela 2

Distribuição dos participantes em função do horário de trabalho

Horário de trabalho	Número de participantes (%)
Horário normal	12 (29,3)
Horário por turnos fixos	29 (70,7)
Horário diurno	26 (63,4)
Horário noturno	3 (7,3)
Horário misto	12 (29,3)

Já no que diz respeito ao horário de trabalho, verifica-se na Tabela 2 que apenas 29,3% da amostra, correspondente a 12 participantes, trabalham em horário normal, sendo que os restantes 29 trabalham em turnos fixos (70,7%) de oito horas diárias. É importante ressaltar que,

na empresa, existem quatro turnos de trabalho distintos com duas chefias distintas. O primeiro turno, corresponde, neste caso, aos 12 participantes em horário misto (29,3%); por sua vez, o turno da tarde e o turno normal, correspondem a 26 trabalhadores do horário diurno (63,4%) e, finalmente, o turno noturno diz respeito aos três participantes do horário noturno (7,3%).

Tem-se verificado, nos últimos anos, a implementação, cada vez mais frequente, dos horários por turnos no sentido de dar resposta às necessidades do mercado, ao permitir o aumento da capacidade produtiva durante 24h (Silva, Prata & Ferreira, 2014). No entanto, é na literatura, consensual que estes horários, desfasados, do ponto de vista biológico – nomeadamente em turnos noturnos (Silva, et al., 2014) – tornam evidentes outras dificuldades físicas e psicossociais (Volkoff, 2002; Pavageau, 2006; Gaudart, 2013). Os mesmos autores referem ainda que a rotatividade dos horários por turnos é mais comum na população mais jovem, sendo que, ao atingir uma certa idade começam a praticar horários dentro do período normal de trabalho, no entanto, através dos resultados obtidos nesta amostra, não há uma distribuição linear das idades respetivamente ao turno em que trabalham.

Relativamente à descrição da “atividade profissional principal” os participantes, predominantemente os do sexo masculino, apresentaram bastantes dificuldades em dar resposta uma vez que referem “realizar diferentes tarefas no mesmo dia”. Encontramos assim, uma proximidade a conceitos como a polivalência e rotatividade de postos de trabalho, embora, até à data de aplicação do inquérito, tenha sido referido que não eram estratégias adotadas pela chefia. Neste sentido, foi pedido aos trabalhadores que referissem a função que mais vezes executam. Ainda assim, estas não foram consensuais pelo que não foi possível enquadrá-la como variável na análise quantitativa com o INSAT.

Porém, através da observação foi possível identificar-se, em traços gerais, as atividades profissionais desenvolvidas pelos trabalhadores. Primeiramente, é necessário diferenciar a atividade nas “Juntas”, como indicador das atividades do género feminino, onde estão integrados 13 participantes (31,7%), e a atividade nos “Cilindros (e Blocos)”, como atribuída a trabalhadores do sexo masculino, aos quais correspondem 22 trabalhadores dos Cilindros (53,7%) e 5 dos Blocos (12,2%). De ressaltar que, a distribuição de participantes pelas áreas, não contempla a chefia. As Juntas, Cilindros e Blocos revelam uma evidente separação, na mesma área de trabalho, do espaço onde uns e outros exercem a atividade. Os participantes do sexo feminino distribuem-se pelo lado direito da secção, mais próximo das aberturas para o exterior, e os restantes participantes do lado esquerdo, sendo os cilindros trabalhados nas primeiras máquinas junto à entrada e os blocos nas últimas junto à saída (Anexo 2 – Mapa 1).

Serão estas as categorias, relativas à área de atividade, adotadas ao longo do estudo para tornar mais fácil a distinção das atividades.

Para além disto, torna-se fulcral perceber a cadeia produtiva neste contexto específico: é já sabido que a cortiça – em cilindros ou blocos – chega de outra secção da fábrica, sendo armazenada, nos espaços próprios, até à sua utilização. Aquando do seu uso, os cilindros são colocados nas laminadoras correspondentes (Anexo 4, fig. 1). De seguida, consoante o pedido do cliente, os rolos criados nestas laminadoras podem ir para os acabamentos (impressão ou prensa) para no final serem embalados. Todas as etapas enumeradas acima são realizadas no lado dos Cilindros. Outro propósito da cortiça armazenada serve as atividades das Juntas, que contemplam a elaboração de recortes para juntas automóveis ou para bases de copos. Numa primeira etapa, os blocos são cortados em folhas, conforme espessura indicada pelo cliente, e posteriormente é realizado o recorte das mesmas no molde exigido, através de uma máquina comumente apelidada de balancé, seguindo depois também para o embalamento. Neste caso, a primeira tarefa é realizada nos Blocos pelos homens, enquanto que as funções do balancé são executadas pelas mulheres – à exceção da colocação da placa de corte (molde) na máquina, dado o peso do material, sendo esta tarefa efetuada sempre pelo mesmo trabalhador.

No desempenho da atividade neste contexto, todos os trabalhadores iniciam as suas funções a partir das indicações da chefia – que obtém informação das encomendas a serem entregues e planeia o processo produtivo, em função das exigências e do que é possível a cada momento. São facultadas pela chefia, a cada colaborador, duas fichas que orientará a realização da atividade: a ficha de acompanhamento de embalagem e a ficha de acompanhamento da produção. A primeira indica a referência do material a trabalhar bem como os requisitos do cliente, e.g. “tapar indicação ‘made in PT’ na embalagem”, que segue, no final do processo, agregada à encomenda, enquanto que a segunda permite discriminar o processo de transformação do material, e.g. balancé, impressão, laminagem, e em que etapa do mesmo se encontra. Nesta, os trabalhadores, devem fazer o registo de tudo o que realizaram até terminarem o horário de trabalho.

Fazendo agora uma breve caracterização das atividades relativas às Juntas e Cilindros, e, de forma a melhor sintetizar a informação que se segue, foi construído um mapa (Anexo 3), através de informações concedidas pelo responsável da secção, que ajuda a ilustrar a distribuição das máquinas industriais.

Podemos dizer que as atividades imputadas às mulheres, são desempenhadas nos balancés, em equipas de três pessoas, num processo contínuo de três fases. Na primeira fase, a colaboradora coloca a placa de cortiça na mesa e, com o recurso a uma régua, faz deslizar a placa

para a zona cortante, nesta altura, o exercício do pedal é que permite que a máquina corte (Anexo 4, fig. 2). Inicia-se, desta forma, a segunda fase do processo em que a placa de cortiça sai do balancé, é recolhido por uma outra trabalhadora que cria conjuntos de dez placas para, numa terceira fase, passar para a colega, que retira a junta recortada e coloca o excesso para a reciclagem. De ressaltar que esta atividade é realizada de pé e que os movimentos exigidos são, essencialmente, com os braços, e a perna na primeira fase do processo. É também necessário que o ritmo de trabalho seja mantido, de forma articulada, entre as três trabalhadoras e que todas trabalhem em cooperação, o que cria uma exigência adicional – cumprir as exigências de produção com o ritmo de trabalho imposto pelo coletivo. Os equipamentos de proteção individual (EPI) utilizados são as luvas e os protetores dos ouvidos, pois o balancé é uma máquina que gera um nível de ruído bastante elevado. A par desta, o controlo de espessura das juntas automóveis é também outra das tarefas que realizam. Este tipo de juntas têm proporções mais pequenas e o objetivo é verificar, através da pressão do dedo numa alavanca que faz descer e subir o medidor, quantos milímetros tem. Exige, desta forma, uma grande capacidade de precisão, atenção e concentração. O embalamento nas Juntas exige destreza nos movimentos e capacidade de coordenação entre duas trabalhadoras. É uma atividade que é realizada, maioritariamente, de pé, com a predominante utilização dos membros superiores, no entanto poderá haver também uma utilização dos membros inferiores.

Já no que diz respeito ao grupo de trabalhadores da categoria Cilindros e Blocos, estes desempenham atividades de laminagem, acabamentos e também embalamento. Relativamente à laminagem, é uma tarefa que consiste na utilização das máquinas laminadoras que cortam, em comprimento e em espessura os cilindros de cortiça obtendo rolos de cortiça. Por sua vez, nos Blocos, as laminadoras cortam, em espessura, os blocos de cortiça obtendo folhas de cortiça. Estas tarefas obrigam a uma maior deslocação do trabalhador do seu posto de trabalho pela necessidade de irem buscar os cilindros e/ou blocos, de terem que os transportar com recurso aos empilhadores manuais e aos trilhos disponibilizados por toda a área da fábrica, até às respetivas máquinas. Para colocar o material nas máquinas, é necessário o auxílio aos ferros e cordas elevatórias, no caso dos cilindros, e ao gancho, no caso dos blocos. Precisamente nos Blocos, para retirar as folhas de cortiça recortadas, o movimento contínuo do braço entre o tapete e a mesa elevatória é fulcral. Por sua vez, nas laminadoras de espessura de cilindros não é exigido ao trabalhador tanto esforço nesse sentido mas sim na paragem da máquina para retirar o excesso de material (Anexo 4, fig. 3) e assim adotar posturas penosas. De forma geral são duas atividades em que a precisão e concentração é fulcral devido à utilização de maquinaria cortante, como as lâminas, sendo que exige desta forma a utilização de EPI como as luvas, os protetores dos

ouvidos (dado o barulho das máquinas em funcionamento) e ainda a máscara. No que diz respeito ao embalamento, a laminadora de comprimento permite aos trabalhadores envolve-las diretamente, após o corte e a criação do rolo, em papel filme. Esta ação, é, preferencialmente, realizada à mão, o que exige um maior esforço físico dos braços. Por sua vez, nos Blocos, existe um espaço próprio para o embalamento sendo esta atividade sempre realizada por dois trabalhadores que, reúnem, em caixas, as folhas de cortiça conforme pedido do cliente. Devem manter-se cooperativos e atentos. A utilização das luvas é também essencial. Por fim, os acabamentos dizem respeito a marcas próprias nos rolos de cortiça, cujas máquinas (de impressão ou prensa), em termos de distribuição logística na área, se encontram sempre junto de outras para tornar o processo contínuo – o que acaba por reduzir o espaço entre estas.

É ainda importante referir que todos os postos de trabalho detêm os sinais de perigo correspondentes e têm também discriminados os EPI a utilizar. No entanto, quando os trabalhadores foram questionados sobre a (não) utilização destes, referiram não ser de cariz obrigatório mas aconselhável – justificação que foi, posteriormente, reforçada pela chefia. Neste sentido, é necessário ter em atenção a descredibilização que, sob estes efeitos, se cria relativamente à importância dos EPI.

Percebe-se, com isto, uma clara divisão entre as tarefas realizadas pelo sexo masculino e pelo sexo feminino em termos das diferentes características do trabalho: trabalhos mais pesados para os homens e mais minuciosos para as mulheres. No que toca à rotatividade de tarefas, é de referir que os participantes do sexo feminino revelaram-se desconfortáveis com esta estratégia: “mudar? Já faço isto há anos, já estou habituada”. No entanto, aquando da segunda visita, a chefia revelou que, gradualmente, procurava distribuí-las por outras atividades e, embora o primeiro impacto tivesse que ser gerido cuidadosamente, “acabavam por se habituar”. Embora a amostra apresente uma média de idades elevada (>40 anos) e Gaudart (2013) ter obtido, nos seus estudos, uma diminuição da capacidade de polivalência em trabalhadores mais velhos, também é referido pela autora que, à rotatividade está frequentemente associada uma rotatividade por diferentes fatores de risco.

4.2. As condições de trabalho e os fatores de risco percebidos

O segundo objetivo do estudo concretiza-se na descrição das condições em que os participantes realizam a sua atividade bem como na identificação de fatores de riscos percebidos pelos mesmos.

Tabela 3

Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a fatores ambientais de risco

Exposição a:	Número de participantes (%)
Ruído nocivo ou incómodo	40 (97,6)
Variações de temperatura (calor/frio)	38 (92,7)
Poeiras ou gases	33 (80,5)
Produtos químicos	21 (51,2)
Outras situações perigosas	8 (19,5)

Efetivamente, os balancés são máquinas que geram bastante ruído, contudo, foi observada a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) adequados. Ainda assim, como é possível verificar na Tabela 3, 40 dos participantes do estudo destacam o ruído nocivo ou incómodo (97,6%) como presentes no seu contexto, sendo esta uma percentagem elevada que alerta para a possibilidade do barulho provocado por essas máquinas não ser incómodo apenas para quem as está a manusear. A par desta exposição, 38 dos trabalhadores referem as variações de temperatura (92,7%) como presentes neste posto de trabalho. Dada a oportunidade de realizar mais do que uma visita à fábrica, o facto de as ter feito em duas estações do ano distintas, permitiu obter uma aproximação concreta a estas variações, uma vez que, aquando da primeira visita, as temperaturas baixas e a precipitação faziam-se sentir e ouvir no interior da área, já em maio, as temperaturas altas e o calor eram iminentes nesta secção. Também as estatísticas, a nível da UE, indicam o ruído como uma das condições ambientais mais visíveis, bem como as variações de temperatura (Eurofound, 2012). Os resultados do V Inquérito apontam ainda as poeiras e gases como condições ambientais com índices de registo mais elevados (Eurofound, 2012). Por sua vez, nos dados da amostra, são revelados valores significativos também no que diz respeito a essa variável (80,5%).

Uma outra situação considerada relevante foi a identificação de “outras situações perigosas” por oito trabalhadores (19,5%) como: as “facas”, das laminadoras, por ser um objeto cortante com o qual os próprios têm de lidar nomeadamente para fazer a alteração das mesmas. Referiram também, curiosamente, o “pó” e a “chuva dentro do setor”, como que reforçando estes fatores de exposição. Além destes, mencionaram as próprias “máquinas” como um fator de risco, em conformidade com os resultados da OIT (2010) que apresentam as máquinas como um dos principais agentes materiais envolvidos na ocorrência dos acidentes de trabalho.

Tabela 4

Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a constrangimentos físicos

Exposição a:	Número de participantes (%)
Gestos repetitivos	32 (78%)
Gestos precisos e minuciosos	23 (56,1%)
Posturas penosas	33 (80,5%)
Esforços físicos intensos	30 (73,2%)
Permanecer muito tempo em pé na mesma posição	24 (58,5%)
Permanecer muito tempo em pé com deslocamento	30 (73,2%)

Tabela 5

Relação entre o género e “permanecer muito tempo em pé com deslocamento”

Género	“Permanecer muito tempo em pé com deslocamento”
Feminino	.002*
Masculino	

* $p < .05$ para Fisher's Exact Test

Através das observações efetuadas, podemos constatar que a realidade destes trabalhadores compreende a repetição contínua dos movimentos dos braços (Anexo 4, fig.4), a movimentação e o manuseamento de cargas pesadas (Anexo 4, fig. 5), o embalamento com película à mão e ainda a exigência de posturas estáticas como estar sempre de pé. Assim confirma-se na Tabela 4 que 33 participantes referiram estar expostos a posturas penosas (80,5%) e 30 expostos a esforços físicos intensos (73,2%). Ainda, 24 participantes da amostra referiram permanecer muito tempo em pé na mesma posição (58,5%) e 30 referiram também permanecer muito tempo em pé mas com deslocamento (73,2%). Aquando da observação, concluiu-se que eram os trabalhadores dos Cilindros e Blocos (participantes do sexo masculino), os que mais se deslocavam do seu posto de trabalho e, conforme se verifica na Tabela 5, existe efetivamente uma associação significativa entre o género e o “permanecer muito tempo em pé com deslocamento”, $\chi^2(1)=11,601$, Teste de Fisher, $p = .002$. A mesma associação significativa é fundamentada na comparação das categorias, Juntas e Cilindros/Blocos, com a mesma variável, $\chi^2(1)= 11,192$, Teste de Fisher, $p = .002$.

Tabela 6

Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente à necessidade de fazer gestos repetitivos, em função da área de atividade

Área de atividade	Gestos repetitivos	
	Sim	Não
Blocos	5 (100%)	0
Cilindros	14 (63,6%)	8 (36,4%)

Juntas	13 (100%)	0
---------------	-----------	---

Outro dado relevante são os 32 participantes que referiram estar expostos a gestos repetitivos (78%). Este aspeto é reconhecido, no V Inquérito Europeu, como um dos riscos mais evidentes nos últimos anos (Eurofound, 2012). Observou-se que as atividades do balancé, de laminagem de blocos e de embalagem (de Juntas e Blocos), obrigam ao movimento repetitivo dos braços ou das mãos. Através da Tabela 6, em que são apresentadas estatísticas descritivas, concluímos que, todos os colaboradores das Juntas e dos Blocos referem estar expostos a esta situação, enquanto que, nos Cilindros, oito trabalhadores referem não estar expostos. Para terminar, ainda 23 trabalhadores referem os gestos precisos e minuciosos como presentes no seu contexto laboral sendo que, a partir da observação, foram as tarefas das Juntas que se revelaram mais próximas desta realidade, como, e.g., a precisão ao medir a espessura das juntas automóveis. Ainda assim, não existe uma associação estatisticamente significativa entre estas variáveis.

Tabela 7

Frequência de declarações dos trabalhadores relativamente a constrangimentos do ritmo de trabalho

Exposição a:	Número de trabalhadores (%)
Ritmo intenso	23 (56,1)
Cumprir normas de produção ou prazos rígidos	31 (75,6)
Adaptar permanentemente a mudanças dos métodos ou instrumentos de trabalho	25 (61)
Gerir instruções contraditórias	22 (53,7)
Hipersolicitação	26 (63,4)

Aquando das visitas à empresa, foi possível determinar um padrão do ritmo de trabalho adotado, sendo que, apesar de todas as máquinas permitirem uma regulação do movimento da mesma, todos os participantes optam por ritmos relativamente acelerados no sentido de dar resposta às exigências de produção. Do relato dos participantes retém-se ainda que, de forma a não aumentar a competitividade entre si, sujeitam-se à condição de se manterem sempre dentro do ritmo esperado, contudo, é confirmado, na Tabela 7, que 23 participantes consideram ainda assim este ritmo intenso (56,1%); e 31 trabalhadores referem ter de cumprir normas de produção ou prazos rígidos.

Foi referido anteriormente a dificuldade dos participantes em descreverem concretamente a sua atividade de trabalho principal, uma vez que durante o mesmo dia podem desempenhar

várias tarefas distintas. Pode ser compreendido, neste sentido, que 61% da amostra revela ter que se adaptar a mudanças dos instrumentos.

Ainda, 22 e 26 participantes do estudo destacam, como constrangimentos da sua atividade, ter que gerir instruções contraditórias (53,7%) e a exposição a situações de hipersolicitação (63,4%), respetivamente. Decorrente do diálogo com os mesmos, evidenciaram-se várias queixas sobre os métodos adotados pelas chefias (que envolvem o turno misto e o normal), realçando duas orientações opostas: a “ditadura” e a “democracia”.

Tabela 8

Frequência de declarações dos trabalhadores no que se refere às relações de trabalho

Exposição a:	Número de participantes (%)
É frequente a necessidade de ajuda dos colegas	26 (63,4)
É um trabalho pouco reconhecido pelas chefias	30 (73,2)
Suportar as exigências do público	7 (17,1)

No que diz respeito às relações de trabalho, a par do que já foi referido acerca das chefias, 30 participantes do estudo revelam que o seu trabalho não é reconhecido pelas suas chefias (73,2%), o que terá certamente impacto na forma como os trabalhadores vivenciam a sua atividade laboral e na dinâmica das relações do trabalho com a saúde (Stock, Nicolakakis, Messing, Turcot & Raiq, 2013).

Tendo em conta os dados das observações realizadas, é possível identificar atividades que só se concretizam com um conjunto de trabalhadores. No entanto, podemos constatar, na Tabela 8, que 26 participantes necessitam, nas suas tarefas, da ajuda dos colegas (63,4%), o que pode estar relacionado com o apoio a que recorrem pela dificuldade da tarefa em si, e.g. manuseamento de cargas pesadas (Anexo 4, fig.5).

Ainda relativamente às relações de trabalho, há um outro dado interessante que surge aquando da análise exploratória dos dados. É consensual entre os participantes que não existe contacto direto com o público (95,1%), no entanto, referem que têm que suportar as exigências do mesmo. Este dado é relevante e suportado pela observação, uma vez que todos os trabalhadores ao terem que seguir as diretrizes da ficha de acompanhamento da embalagem, compreendem a necessidade de respeitar os requisitos dos clientes. O valor baixo apresentado neste tópico (17,1% da amostra), é respeitante à forma como o questionário está construído, uma vez que só se responde a esta questão se previamente afirmarem ter contacto direto com o público.

Tabela 9

Declarações dos trabalhadores relativamente às características do trabalho

Caraterísticas do trabalho	Número de participantes (%)
Não existe perspetiva de evolução na carreira	30 (73,2)
Difícilmente conseguirei realizar quando tiver 60/65 anos	31 (75,6)
Gostava que os meus filhos não realizassem	27 (65,9)

Como se pode verificar na Tabela 9, relativamente à perspetiva de evolução na carreira, 31 (73,2%) dos participantes referem que esta não é uma possibilidade no seu trabalho. Contudo, na amostra há trabalhadores que outrora foram trabalhadores temporários e hoje têm um contrato sem termo, a que se associa alguma evolução, de uma relação contratual precária para uma posição segura (Eurofound, 2012).

As caraterísticas do trabalho acima mencionadas podem estar diretamente relacionadas com o não querer manifesto que os filhos realizem a mesma atividade, tal como declarado por 27 trabalhadores (65,9%), nomeadamente, e.g. a perceção dos trabalhadores em relação à exposição a gestos precisos e minuciosos como se revelou nas estatísticas inferenciais, $\chi^2(1)=6,412$, $p=.011$. As informações recolhidas pela Eurofound, em 2010, contemplam dados sobre a perspetiva dos trabalhadores, em contexto industrial, relativamente à capacidade de realizar o mesmo trabalho aos 60 anos. Mais de metade dessa população (58% os homens e 55% as mulheres) responde positivamente, por sua vez, os resultados deste estudo, divergem destes dados, pois mais de metade dos trabalhadores afirma vir a ter dificuldades em realizar a atividade nessa faixa etária (75,6%). Neste sentido, foram confirmadas associações significativas entre a dificuldade em realizar esta atividade aos 60 anos e algumas caraterísticas do trabalho, nomeadamente as situações de hipersolicitação, $\chi^2(1)=11,868$, Teste de Fisher, $p=.001$, de ritmo intenso, $\chi^2(1)=6,998$, Teste de Fisher, $p=.012$ e a adoção de posturas penosas, $\chi^2(1)=7,828$, Teste de Fisher, $p=.013$ e, menos evidente mas ainda significativo, as mudanças nos instrumentos e métodos de trabalho, $\chi^2(1)=5,333$, Teste de Fisher, $p=.030$. Estes resultados tornam substancialmente evidente algumas condições de trabalho e o seu impacto na saúde, nomeadamente na perceção de incapacidade dos trabalhadores para o exercício da mesma atividade ao longo da vida ativa.

Neste objetivo, o intuito era ainda criar um mapeamento de riscos consoante as áreas de atividade, no entanto, devido ao número de participantes, não foi possível identificar relações estatisticamente significativas entre a área de atividade e os fatores de risco.

4.3. Os efeitos das condições de trabalho na saúde

No sentido de dar resposta ao último objetivo desta investigação – quais os efeitos percebidos das condições de trabalho na saúde – começamos por referir que maior parte dos trabalhadores (87,5%) indica ter informações sobre os riscos resultantes do seu trabalho bem como existir preocupação em minimiza-los (60%). A par disto, em geral, os participantes consideram que a sua saúde está “razoável” (34,1%) e “boa” (46,3%). Apenas cinco participantes referiram o seu estado de saúde como “muito bom” (12,2%). À semelhança dos resultados deste estudo, o V Inquérito Europeu sobre Condições de Trabalho, revela que o setor industrial apresenta os resultados mais baixos no domínio da perceção de uma saúde muito boa.

Tabela 10

Frequência de declarações dos trabalhadores no que se refere aos efeitos do trabalho na saúde

O trabalho afeta a minha saúde:	Número de participantes (%)
Não, de todo	16 (39)
Sim, sobretudo de forma negativa	5 (12,2)
Sim, sobretudo de forma positiva	19 (46,3)

No que refere ao impacto do trabalho na saúde, se olharmos à Tabela 10, mais de metade dos participantes referem que o seu trabalho tem impacto de forma positiva na sua saúde (46,3%) e que não tem qualquer impacto (39%). Esta informação foi reforçada aquando do diálogo com os trabalhadores em que alguns percecionaram as suas dores como “ossos do ofício”.

Contudo, estes dados tornam-se interessantes quando exploramos os problemas de saúde associados ao trabalho.

Tabela 11

Frequência de declarações dos trabalhadores em função dos problemas de saúde relacionados com o trabalho

Problema de saúde:	Número de participantes (%)	Relação com o trabalho (%)	
		Causado	Agravado
Dores de costas	31 (75,6)	48,8	19,5
Problemas músculo-esqueléticos	28 (68,3)	46,3	19,5
Fadiga generalizada	18 (43,9)	22	19,5

Como se pode verificar na Tabela 11, as dores de costas identificadas por 31 trabalhadores (75,6%) foram, na sua maioria, causadas e agravadas pelo trabalho (68,3%). Da

mesma forma, os problemas músculo-esqueléticos identificados por 28 participantes (68,3%) são, na sua maioria, causados ou agravados pelo trabalho (65,8%). A par destes, 18 trabalhadores que declararam fadiga generalizada (43,9%), sendo que menos de metade a relaciona com o trabalho (41,5%). Denota-se, com isto, alguma ambivalência na percepção dos participantes no que concerne ao impacto do trabalho na sua saúde.

Tabela 12

Frequência de declarações dos trabalhadores em função dos itens do Perfil de Saúde de Nottingham e sua relação com o trabalho

A minha saúde e o meu bem estar	Número de participantes (%)	Relação com o trabalho (%)
Sinto-me nervoso(a), tenso(a)	12 (31,7)	14,6
Tenho dores quando estou em pé	12 (29,3)	19,5
Tenho dificuldade em estar de pé durante muito tempo	13 (31,7)	19,5

O Perfil de Saúde Nottingham integrado no INSAT e sua relação com o trabalho permite discriminar outros problemas de saúde, de cariz mais *infrapatológico*, identificados pelos participantes. Neste sentido, a partir da Tabela 12, importa relevar que 12 trabalhadores referem sentir-se nervosos, tensos (31,7%), sendo que 14,6% o reportam ao trabalho e oito trabalhadores referem ter dores quando estão de pé (19,5%) e dificuldades em manterem-se muito tempo de pé (19,5%) associadas ao trabalho.

Estes problemas de saúde põe em evidência alguns dos fatores de risco enunciados anteriormente pelos participantes, dado que, por exemplo, as dores de costas podem estar relacionadas com problemas músculo-esqueléticos, identificadas também pelos trabalhadores e que, por sua vez, podem ter como fatores determinantes, as posturas penosas. Estes constrangimentos físicos do trabalho agravam-se quando se olha à antiguidade dos participantes nesta empresa, sendo que, na lista de doenças profissionais publicadas no Decreto Lei 76/2007, de 17 de Julho, a exposição mínima a estas condicionantes, para reconhecimento de doença profissional, é de apenas três meses, como é o caso das tendinites, entre outras LME's. Todavia, não existem evidências neste estudo de uma associação destes problemas com a antiguidade na função desempenhada.

Através das Tabelas 13 e 14, podemos observar uma associação entre determinadas condições de trabalho e os problemas de saúde enunciados pelos trabalhadores.

Tabela 13

Grau de associação entre os fatores de risco físicos e os problemas de saúde

Condições de trabalho	Problemas de saúde			
	Problemas músculo-esqueléticos	Dores nas costas	Dores de pé	Dificuldade em estar de pé muito tempo
Gestos repetitivos		.025*	.039*	
Gestos precisos e minuciosos	.041*			
Posturas penosas	.007*	.001**		.040*

* $p < .05$ para Fisher's Exact Test** $p < .001$ para Fisher's Exact Test

Tabela 14

Grau de associação entre os fatores de risco psicossociais e os problemas de saúde

Condições de trabalho	Problemas de saúde				
	Fadiga generalizada	Nervoso Tenso	Problemas músculo-esqueléticos	Dores de pé	Dificuldade em estar de pé muito tempo
Adaptar a mudanças e instrumentos nos métodos de trabalho	.002*				
O trabalho é pouco reconhecido pelas chefias		.008**			
Hipersolicitação	.001***		.011**		.015**
Ritmo intenso			.026*	.024*	

* $p < .05$ ** $p < .05$ para Fisher's Exact Test*** $p < .001$ para $\chi^2(1)=11,799$

Relativamente aos riscos físicos do contexto de trabalho, atentando à Tabela 13, conclui-se que os gestos repetitivos se encontram significativamente associados, embora com valores baixos, às dores nas costas, $\chi^2(1)=6,073$, Teste de Fisher, $p = .025$, e dores quando estão em pé, $\chi^2(1)=4,772$, Teste de Fisher, $p = .039$. A par destes, os gestos precisos e minuciosos estão significativamente relacionados com os problemas músculo-esqueléticos, $\chi^2(1)= 4,710$, Teste de Fisher, $p = .041$. Com valores ainda mais prementes, está a adoção de posturas penosas

relacionadas com este problema de saúde, $\chi^2(1)= 8,603$, Teste de Fisher, $p= .007$. No entanto, esta característica justifica também as sensações de dores nas costas nos trabalhadores, com níveis de significância altos, $\chi^2(1)= 13,805$, Teste de Fisher, $p= .001$.

Já no que respeita aos fatores psicossociais de risco e à sua relação com os problemas de saúde identificados, destaca-se, a partir da Tabela 14, as situações de hipersolicitação por apresentar relações significativas fortes com os problemas de saúde enunciados, como os problemas músculo-esqueléticos, $\chi^2(1)= 7,556$, Teste de Fisher, $p=.011$ e a dificuldade em estar muito tempo de pé, $\chi^2(1)= 6,313$, Teste de Fisher, $p=.015$. A sensação de fadiga generalizada, $\chi^2(1)=11,799$, $p=.001$, é a questão de saúde que revela uma associação significativa mais forte com as questões de hipersolicitação. Este problema de saúde está ainda fortemente associado ao facto dos trabalhadores terem de se adaptar a mudanças nos instrumentos de trabalho, $\chi^2(1)= 9,724$, $p=.002$. Por sua vez, o ritmo intenso perpetua também o aparecimento dos problemas músculo-esqueléticos, $\chi^2(1)=4,958$, $p=.026$, e as dores sentidas enquanto estão de pé, $\chi^2(1)=5,110$, $p=.024$. O facto do trabalho ser pouco reconhecido pelas chefias está, nesta amostra, fortemente associado a sensações de nervosismo e tensão por parte dos trabalhadores, $\chi^2(1)=9,724$, $p=.008$.

Corroborando os resultados acima, alguns autores indicam que os problemas psicossociais podem contribuir de forma significativa para os problemas músculo-esqueléticos (Toulouse, et al., 2013; Stock, et al., 2013).

Tendo em conta que uma das razões da escolha desta área foi o elevado número de acidentes de trabalho, é de destacar o facto de 21 participantes já terem sofrido um acidente de trabalho (51,2%). Embora metade dos participantes revele este tipo de ocorrências, é conhecida a prática de um sistema de prémios para a área com menores acidentes de trabalho o que, neste âmbito, pode “esconder” situações cujo impacto não seja tão significativo. Relativamente às doenças profissionais, foi reconhecida uma doença profissional a 11 trabalhadores (26,8%), sendo que seis deles indicam precisamente as tendinites. A prevalência destes problemas reforça a necessidade e importância de uma intervenção sobre os fatores de risco que os determinam.

5. Conclusão

“Compreender a atividade de trabalho é compreender a atividade humana, que no contexto profissional é traduzida em comportamentos e condutas humanas que não se esgotam no mero cumprimento da tarefa” (Barros-Duarte & Cunha, 2010)

As mudanças económicas e sociais do país tiveram, impreterivelmente, impacto nas formas de organização do trabalho. Atualmente, o trabalho e o emprego, pautados por um clima de instabilidade e insegurança, traduzem condições precárias e uma forte competitividade no mercado de trabalho que concorrem para a produção de novos riscos profissionais, ou dos mesmos, mas de outra forma (Poy, 2007; Lacomblez, 2008).

A análise dos riscos profissionais focada na abordagem da psicologia do trabalho, compreende um conhecimento aprofundado das características e especificidades da atividade de trabalho e das condições em que é executado (Barros-Duarte, 2006), mas também da forma como os indivíduos o percebem e, por sua vez, do significado que lhes atribuem. Como enuncia o excerto colocado no início, trabalhar não é fazer somente o que nos está formalmente consignado, mas também o que é necessário para responder às exigências da situação de trabalho, a cada momento (Cunha, 2012). No entanto, sabemos que fazê-lo não é isento de riscos, cujos efeitos se revelam, muitas vezes, a longo termo, até porque as relações entre trabalho e saúde não são espontâneas nem claras (Gollac & Volkoff, 2000, cit. in Barros-Duarte, 2006).

Assim, ao longo desta investigação, o foco foi a análise da atividade real de trabalho da área das Juntas/Cilindros, mas também a identificação de condições de trabalho e dos riscos percebidos pelos trabalhadores, e de que forma estes influenciam a sua saúde. Ainda que as condições de emprego destes trabalhadores não sejam, na grande maioria dos casos, consideradas precárias, através da observação e dos dados recolhidos a partir do INSAT, podemos concluir que, foram identificados por mais de metade dos participantes algumas condições de trabalho desfavoráveis, das quais se deve destacar, nomeadamente, o ruído nocivo e incómodo, as variações de temperatura, a adoção de posturas penosas, os gestos repetitivos e ter que permanecer muito tempo em pé. Relativamente às condições de trabalho que põem em evidência fatores psicossociais de risco, destacam-se, nesta amostra, o ritmo intenso, ter de cumprir normas e prazos de produção rígidos, ser um trabalho pouco reconhecido pelas chefias e a exposição a situações de hipersolicitação.

A par disto, as relações entre estas condições de trabalho e os problemas de saúde identificados são prementes. Contudo, é importante notar que, na sua maioria, os trabalhadores referiram que o seu trabalho afeta a sua saúde “sobretudo de forma positiva”, ou que “não afeta, de todo”. Estes resultados tornam-se curiosos, tanto mais que se consegue, a partir dos resultados, verificar que existem efetivamente relações significativas entre certas condições de trabalho e a saúde, como as posturas penosas associadas aos problemas músculo-esqueléticos e à relação significativa entre a hipersolicitação e a declaração de um sentimento de fadiga generalizada.

Desta feita, seria pertinente, em estudos futuros, complementar estes dados com entrevistas individuais, orientadas para a exploração de situações que os trabalhadores consideram mais penosas, ou que contribuíram para a sua ausência ao trabalho, por motivo de doença. E, por isso, reiteramos que é necessário continuar a dar visibilidade a estas problemáticas com o intuito de procurar mais e melhores formas de prevenir e de intervir.

Referências Bibliográficas

Areosa, J. (2012). As percepções de riscos dos trabalhadores: qual a sua importância para a prevenção de acidentes de trabalho? In H.V. Neto, J. Areosa, P. Arezes (Eds.). *Impacto social dos acidentes de trabalho* (pp. 66-97). Vila do Conde: Civeri Publishing.

Barros-Duarte, C. (2006). Entre o local e o global: processos de regulação para a preservação da saúde no trabalho. *Laboreal*, 2 (1), 48-51.

Barros-Duarte, Cunha, Lacomblez, 2013. *Inquérito Saúde e Trabalho*. [não publicado].

Barros-Duarte, C., & Cunha, L. (2010). INSAT 2010 – Inquérito Saúde e Trabalho: outras questões, novas relações. *Laboreal*, 4 (2), 19-26.

Barros-Duarte, C., & Lacomblez, M. (2006). Saúde no trabalho e discriminação das relações sociais. *Laboreal*, 2 (2), 82-92.

Barros-Duarte, C., Cunha, A., Mendes, S., Pires, P., Sousa, M., & Vieira, C. (2013). Contributos da avaliação dos riscos psicossociais na construção da paz e do bem-estar no trabalho. *Construir a paz – Trabalho, Saúde e Mediação Ambiental*, (2), 63-67.

Barros-Duarte, C., Cunha, L., & Lacomblez, M. (2007). INSAT – uma proposta metodológica para análise dos efeitos das condições de trabalho sobre a saúde. *Laboreal*, 3 (2), 54-62.

Barros-Duarte, C., Cunha, L., Ramos, S., & Lacomblez, M. (2001/2002). Discurso e métodos em saúde no trabalho. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 313-319.

Boix, P., & Vogel, L. (2009/2010). A avaliação dos riscos no local de trabalho: guia para uma intervenção sindical. *Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical*

Nacional. Consultado em: <http://www.cgtp.pt/seguranca-e-saude/guias-de-prevencao/7699-guia-a-avaliacao-dos-riscos-no-local-de-trabalho>

Carvalho, F. (2011). *Condições de trabalho e saúde: diagnosticar para intervir (tese de mestrado)*. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa.

Cunha, L. (2012). *Mobilidades, territórios e serviço público: debates sobre o interesse colectivo à margem do paradigma de uma sociedade móvel*. Tese apresentada para efeitos de obtenção do grau de Doutor em Psicologia. Porto: FPCE-UP.

Direção-Geral da Saúde (2008). Lesões músculo-esqueléticas relacionadas com o trabalho. Em, *Programa Nacional contra as Doenças Reumáticas*, Lisboa.

Eurofound (2012). *Fifth European Working Conditions Survey*. Publications Office of the European Union: Luxembourg.

Gaudart, C. (2013). Les relations entre l'âge et le travail comme problème temporel. *Pistes*, 16 (1). Consultado em: <http://pistes.revues.org/3052>

Lacomblez, M. (2008). Quando a precariedade do emprego transforma o trabalho: os contributos de uma análise das atividades concretas. *Organizações e Trabalho*, (nº especial), 51-58.

Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

Neto, H., Areosa, J., & Arezes, P. (2014). *Manual de riscos psicossociais (s/ed.)*. Vila do Conde: Civeri Publishing.

Organização Internacional do Trabalho (2010). *Riscos emergentes e novas formas de prevenção num mundo de trabalho em mudança* (1ª Ed.). Lisboa: Organização Internacional do Trabalho.

Parente, C. (2003). *Construção social das competências profissionais : dois estudos de caso em empresas multinacionais do setor metalomecânico* (dissertação de doutoramento). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Pavageau, P. (2006). Les effets conjoints du travail et des horaires alternants sur la santé des agents de surveillance des établissements pénitentiaires. *Pistes*, 8 (2). Consultado em: <http://pistes.revues.org/3022>.

Poy, M. (2007). Aspetos funcionais dos riscos e desvios das normas de segurança no trabalho: um contributo para a compreensão das relações entre atividade humana e segurança. *Laboreal*, 3 (1), 45-48.

Rebelo, G. (2006). Flexibilidade e Diversidade Laboral em Portugal. *Dinâmia – Centro de estudos sobre a mudança socio-económica*, 50. Consultado em: http://dinamiacet.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2012/01/DINAMIA_WP_2006-50.pdf.

Silva, I., Prata, J., & Ferreira A. (2014). Horários de trabalho por turnos: da avaliação dos efeitos às possibilidades de intervenção. *International Journal of Working Conditions*, 7, 68-83.

Sousa-Uva, A., & Serranheira, F. (2013). Saúde, doença e trabalho: ganhar ou perder a vida a trabalhar? Loures: Diário de Bordo Editores. Consultado em: <http://hdl.handle.net/10400.21/3758>

Sousa, J., Silva, C., Pacheco, E., Moura, M. , Araújo, M., & Fabela, S. (2005). Acidentes de trabalho e doenças profissionais em Portugal: riscos profissionais: fatores e desafios. *Estudos CPRG*. V. N. Gaia: Coleção Estudos CRPG.

Stock, S., Nicolakakis, N., Messing, K. Turcot, A., & Raiq, H. (2013). Quelles est la relation entre les troubles musculo-squelettiques (TMS) liés au travail et les facteurs psychosociaux? *Pistes*, 15 (2). Consultado em: <http://pistes.revues.org/3407>.

Sznelwar, L. (2006). Ergonomia, Pierre Falzon. *Laboreal*, 2 (2), 66-77.

Tavares, J. P., & Nunes, L. (2007). Comportamentos de saúde e de evitamento do risco em operários fabris. *Revista Referência*, 2 (5), 23-36.

Thébaud-Mony, A. (2010). Riscos. *Laboreal*, 6 (1), 72-73.

Toulouse, G., St-Arnaud, L., Duhalde, D., Lévesque, J., Delisle, A., & Comtois, A. (2013). Diagnostic ergonomique résultant de la présence de risques psychosociaux contribuant aux troubles musculo-squelettiques: le cas des centres d'appels d'urgence 9-1-1. *Pistes*, 15 (2). Consultado em: <http://pistes.revues.org/3385>.

Valverde, C. (2007). Instrumentos conceptuais e metodológicos na análise de riscos e nos processos de prevenção: a abordagem de Véronique De Keyser. *Laboreal*, 3 (1), 20-35.

Vidal-Gomel, C., Olry, P., & Rachedi, Y. (2009). Os riscos profissionais e a sua gestão em contexto: dois objetos para um objectivo de formação comum. *Laboreal*, 5 (2), 31-47.

Volkoff, S. (2002). La réduction du temps de travail: quels enjeux pour la santé des salariés âgés? *Pistes*, 4 (1). Consultado em: <http://pistes.revues.org/3702>.

Autoridade para as Condições do Trabalho (2015). Estatísticas de Acidentes de Trabalho. Consultado em Autoridade para as Condições do Trabalho, em [http://www.act.gov.pt/\(pt-PT\)/CentroInformacao/Estatistica/Paginas/default.aspx](http://www.act.gov.pt/(pt-PT)/CentroInformacao/Estatistica/Paginas/default.aspx).

ANEXOS

Anexo 1. Modelo de Consentimento Informado

Projeto de Investigação sobre avaliação de riscos profissionais e impacto na saúde de trabalhadores do setor da cortiça

Este estudo enquadra-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto.

O trabalho de investigação tem como foco a análise da exposição a riscos profissionais e seu impacto na saúde dos trabalhadores do setor da cortiça. Neste sentido, solicitamos a sua participação neste estudo através do preenchimento do Inquérito Saúde e Trabalho (INSAT 2013).

Todas as informações recolhidas serão estritamente anónimas e confidenciais, pelo que o seu nome não ficará associado à informação recolhida e tratada – salvo se fizer questão de se identificar.

Caso surjam dúvidas sobre a sua participação, poderá contactar diretamente a investigadora responsável pelo projeto e orientadora desta dissertação, Prof. Doutora Liliana Cunha (e-mail eletrónico) ou a autora deste trabalho, Rita Pereira Viana (e-mail eletrónico).

Obrigada pela sua colaboração.

“Declaro que tomei conhecimento dos objetivos do estudo e do instrumento a preencher. Fui informado/a de todos os aspetos que considero importantes e tive a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas sobre a investigação. Participo de forma voluntária e fui informado/a de que a minha participação, ou recusa em participar, não traria quaisquer prejuízos para mim. Mantenho a expectativa de que a participação neste estudo constitua um contributo favorável à definição de propostas de intervenção e melhoria das condições de trabalho”.

Data: __ / __ / _____

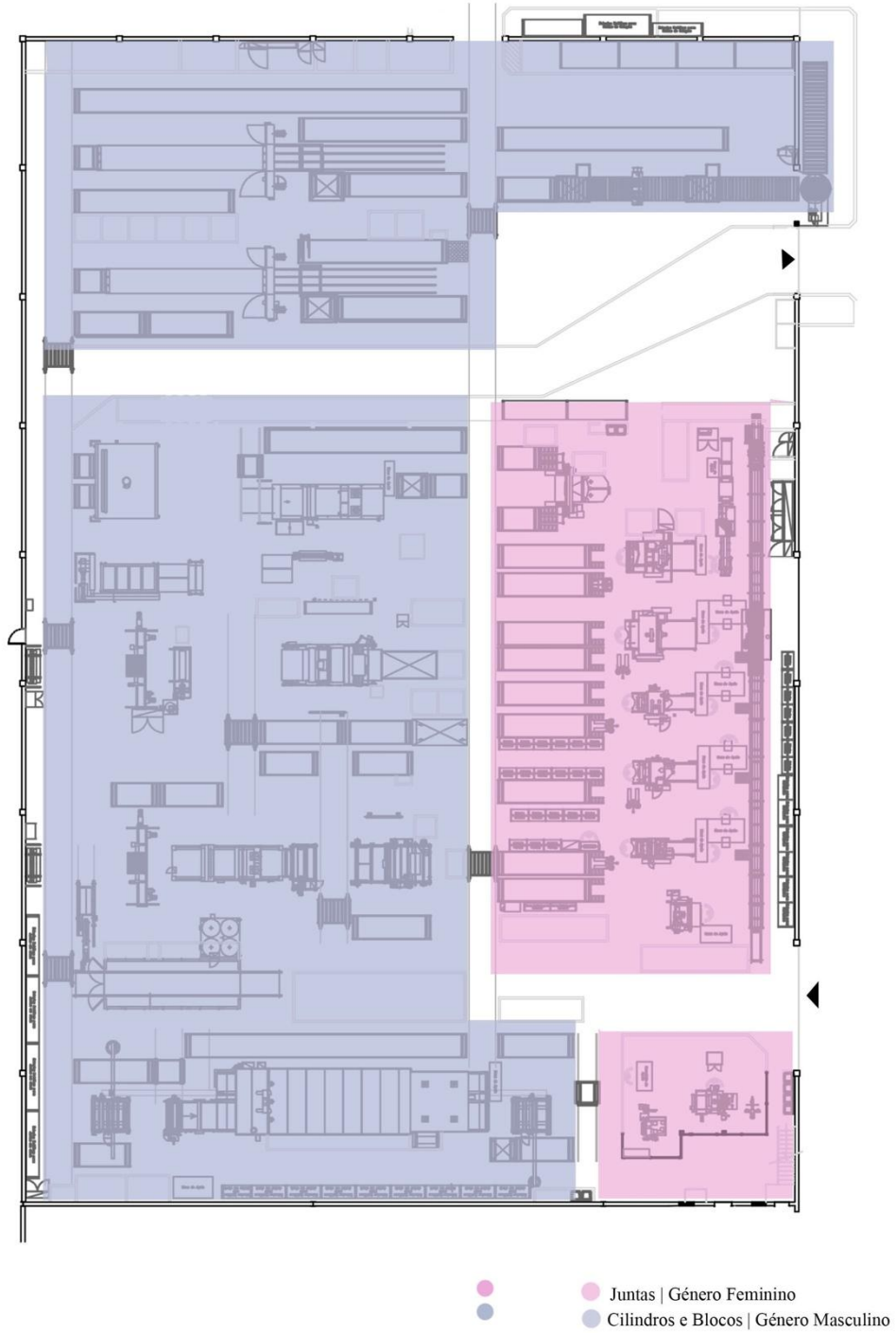
Assinatura

1

¹ Este documento não seguirá em conjunto com o Inquérito.

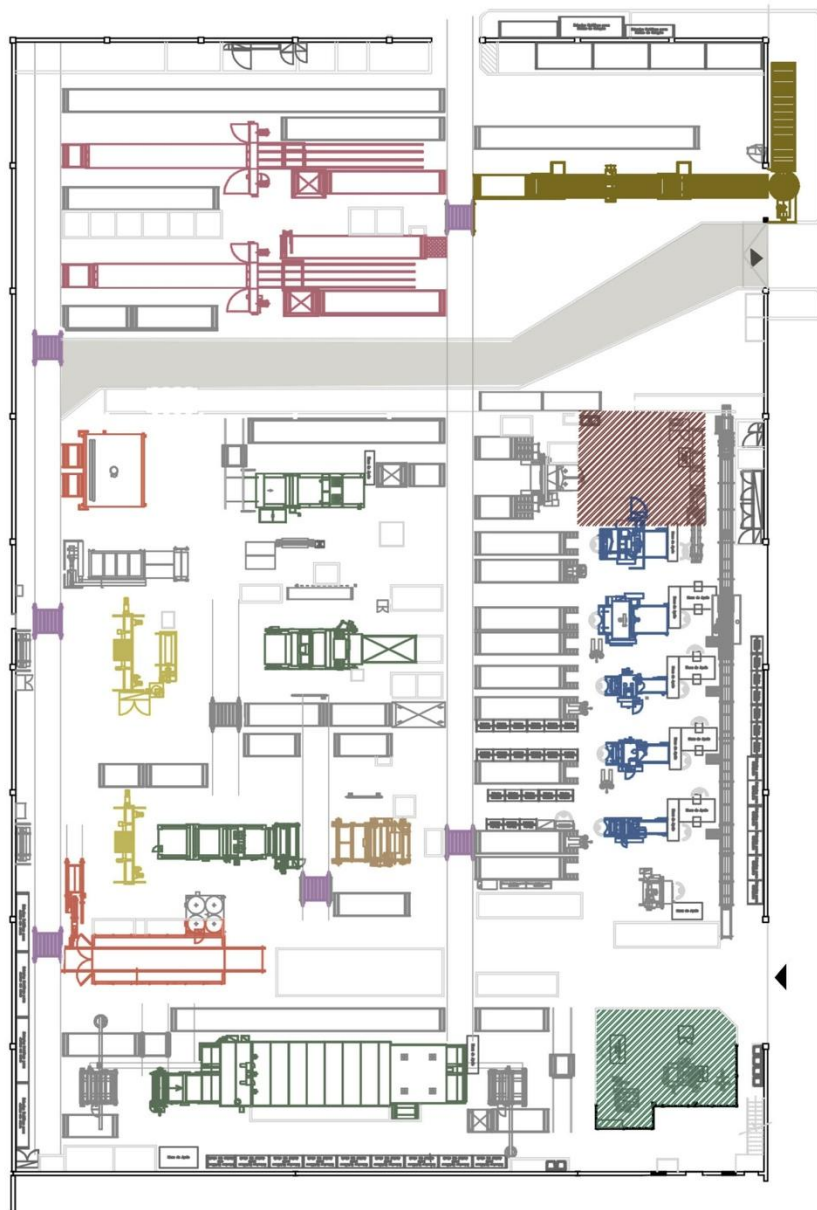
Anexo 2. Espaciograma da área de Juntas/Cilindros: distribuição das atividades de trabalho em função do gênero

Mapa 1



Anexo 3. Espaciograma da área de Juntas/Cilindros: distribuição das máquinas industriais

Mapa 2



- | | | |
|--------------------------------------|--|---------------------------------|
| ● Máquina de impressão e acabamentos | ● Laminadora de comprimento e embaladora | ■ Embalamento Juntas |
| ● Estufas | ● Balancé | ■ Medição de espessura Juntas |
| ● Trilhos | ● Laminadora de espessura Serras | □ Armazenamento |
| ● Laminadora de espessura | ● Embalamento Blocos | |

Anexo 4. Imagens ilustrativas de situações de trabalho concretas



Figura 1. Laminadora de espessura de cilindros

Nesta figura identifica-se o cilindro de cortiça a laminar bem como a máquina onde irá ser colocado. O trabalhador encontra-se, no quadro da máquina, a prepara-la para arrancar com a devida espessura.



Figura 2. Processo das juntas no balancé

Esta é a primeira fase do processo de juntas no balancé. Nesta figura, a placa de cortiça (como as que estão à direita, na mesa elevatória) já se encontra por baixo do balancé na zona de corte – a régua que a empurra encontra-se junto à máquina – e a trabalhadora carrega no pedal para concretizar o recorte. Podemos ainda verificar a utilização de um dos equipamentos de proteção individual, as luvas, sendo que os protetores dos ouvidos não podem, por razões de preservação da imagem dos trabalhadores, ser vistos – embora estivessem também a ser utilizados.

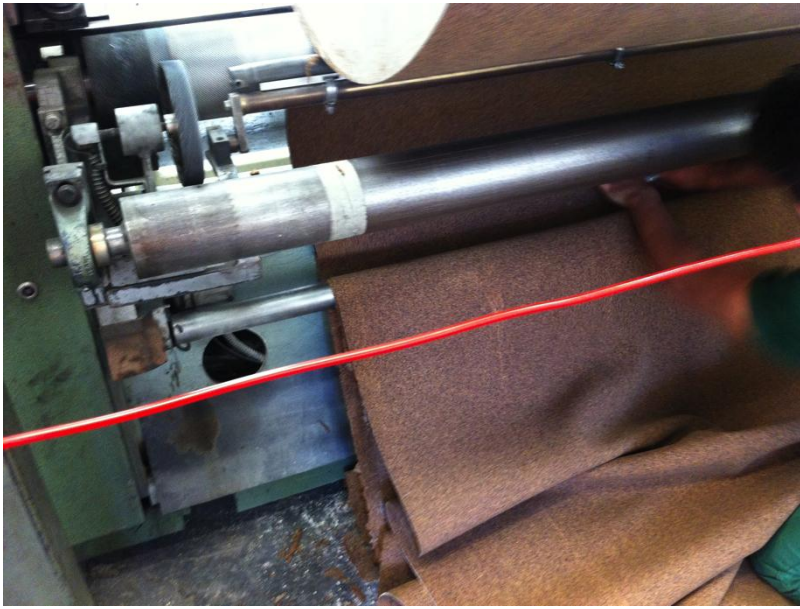


Figura 3. Processo na laminagem de espessura de cilindros

Nesta figura o trabalhador encontra-se de joelhos, no chão, a retirar o excesso de cortiça do cilindro que está a ser laminado. Embora um dos equipamentos de proteção individual indicado nesta atividade seja as luvas podemos observar que o trabalhador não as utiliza – este indicou não ser necessário pois a máquina encontra-se parada.

A fita vermelha que podemos observar na figura é utilizada como medida de prevenção, uma vez que, no surgimento de algum imprevisto ou dificuldade na tarefa, permite a paragem imediata da máquina.



Figura 4. Movimentação repetida dos membros superiores

Esta figura retrata a segunda fase do processo das juntas. Esta é uma das atividades onde a utilização repetida dos braços é eminente.



Figura 5. Manuseamento de cargas pesadas

Nesta figura podemos observar dois trabalhadores a empurrar a tábua com as placas de cortiça para que esta deslize pelos trilhos. É nesta evidente a utilização de luvas por parte de um dos trabalhadores, enquanto que o outro realiza esta tarefa sem as mesmas.